

Estágio Curricular no Grupo Editorial Divergência

António Ferreira Vicente

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

Março 2025

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Rui Zink.

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer, como seria de esperar, à Arlete Guerreiro e ao Pedro Cipriano, por terem acreditado no meu trabalho, por me terem guiado e por terem cultivado as minhas competências.

Ao Rui Zink, pela prestável e cativante partilha de conhecimento durante de dois semestres.

Aos meus amigos, por não me deixarem procrastinar.

À Francisca, por todo o apoio emocional que me ofereceu ao longo de toda a duração do estágio e da redação deste relatório.

E a mim mesmo.

RESUMO

Este relatório visa detalhar as tarefas desempenhadas no estágio curricular realizado no Grupo Editorial Divergência, de modo a auxiliar a conclusão do Mestrado em Edição de Texto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, não sem refletir acerca do papel da revisão de texto no processo editorial.

PALAVRAS-CHAVE: Edição de texto; revisão de texto; estágio.

ABSTRACT

This report elaborates on the projects completed during the curricular internship at Grupo Editorial Divergência to obtain the Master's degree in Editing and Publishing, at the School of Social Sciences and Humanities of NOVA University of Lisbon, while also considering the significant role that proofreading plays in the editorial process.

KEYWORDS: Editing and Publishing; Proofreading; Internship.

ÍNDICE

Introdução	1
O Grupo Editorial Divergência	3
O que fiz no estágio	4
Avaliação de originais	6
Edição	10
Edição α	11
Edição β	11
Edição γ	12
Revisão	14
Revisão α	15
Revisão β	15
Revisão γ	16
Outros assuntos	18
ISBN	18
Revisão de provas.....	18
Opinião acerca de capas.....	18
Conversão de PDF para Word.....	19
Acordo ortográfico	19
Contacto com os autores.....	19
Exemplos de edição	20
Edição α	20
Edição β	21
Edição γ	22
Exemplos de revisão	23
Revisão α	23
Revisão β	23
Revisão γ	24
Considerações finais	26
Bibliografia e Webgrafia	27

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexos	28
Parecer editorial α	28
Parecer editorial β	30
Parecer editorial γ	32
Plano de estágio	34

INTRODUÇÃO

Não saberia precisar, nem se tentasse com muita força, quando me foi introduzida a paixão pela literatura, mas é certo que não me lembro de um momento em que não estivesse presente com toda a sua veemência. Soube, desde muito cedo, que o meu percurso passaria pelo mundo dos livros e, em 2023, ingressei no Mestrado em Edição de Texto, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a convicção de que era aqui que pertencia.

A exigência, a precisão e a concisão que sempre acompanharam o meu percurso académico viram-se fascinadas pela gramática e pela origem da língua. Por esse motivo, depois de concluir o 1.º ciclo do ensino superior, durante o qual aprimorei os meus conhecimentos gramaticais das línguas que a nossa originaram, embarcar no mundo editorial, muito influenciado pela oportunidade de estagiar, foi o único passo que me fez sentido.

Numa ida à FNAC, enquanto perscrutava a secção de livros, dei por mim a folhear um exemplar da obra *Na Sombra do Leão*, de Linda Dielemans, e descobri-o rubricado pela autora. Esta pequeno achado intrigou-me e um livro que, inicialmente, não se me saltou à vista deu por si a ocupar as minhas deambulações. Li-lhe a sinopse, que se desviou da banalidade a que me vim a habituar, mas aquilo que mais me cativou foi o que lhe li na badana:

Trebaruna era uma das deusas a quem oravam os lusitanos, a ancestral linhagem dos portugueses. Furtivo como um lobo, a esta divindade terá orado Viriato, símbolo maior da resistência lusa.

A aposta é em ficção contemporânea e em novos autores de língua portuguesa, ajudando à consolidação da oferta de produção literária geralmente fora dos planos das grandes editoras, cada vez mais agregadas em grandes grupos financeiros, onde o critério se torna estritamente económico, viabilizando projectos apenas para o consumo massificado e esquecendo os nichos de mercado.

Trebaruna é um regresso ao essencial. Na margem da sociedade de consumo globalizada, para além da asfixia do entretenimento puro e simples que esquece a cultura e a identidade local.

Até então, ainda não conhecia esta chancela, mas quando tive a felicidade de a descobrir, soube que seria a primeira opção de contacto para a possibilidade de realizar o estágio curricular — que acabou por se consumar.

A minha experiência na Divergência foi pouco atribulada, porém agriçdoce. Esta foi a primeira editora que abordei para que me acolhesse na componente não-letiva do mestrado, mas, pese embora tenha recebido uma resposta afirmativa, demorei-me na decisão. Ansiava por uma experiência presencial e rotineira e, quando descobri que o estágio na Divergência seria totalmente remoto, não pude evitar que o desânimo tomasse conta de mim. Ao longo das semanas seguintes, procurei soluções que se assemelhassem mais à minha idealização concebida do estágio perfeito e quando encontrei uma proposta presencial, a indecisão sobrepôs-se à idealização. Deverei escolher a editora que edita obras que me fazem sentido e que me chamam, e que defende aquilo em que acredito, mas que não me oferece uma estrutura permissiva de que experiencie, na totalidade, a realidade do mundo editorial, ou deverei escolher a editora que publica livros que não me cativam, mas que me permitirá criar uma rotina de trabalho presencial estável que me atrai?

A dúvida perdurou durante algumas semanas até que, no verão, trabalhei na Festa do Livro de Belém (FLB) para uma entidade que não faz sentido mencionar. Lá, tive o privilégio de conhecer o Pedro Cipriano, com quem conversei durante horas sem saber que seria o meu futuro empregador. Toda a energia e carinho com que o Pedro tratava cada obra, a forma veementemente delicada com que falava dos projetos que abarcava e o cuidado com que abordava os autores que vinham às sessões fizeram-me entender que aquele era o próximo e mais sensato passo no meu percurso. Fazer parte de uma equipa que cuidava tão bem daquilo que era seu motivou-me a decidir que esse sentimento se sobrepunha à ansia da experiência presencial.

O GRUPO EDITORIAL DIVERGÊNCIA:

Embora me pareça quase redundante apresentar o grupo editorial, pois consiste em reescrever uma biografia já esculpida, acessível a todos em três simples cliques, cabe-me, ainda assim, fazê-lo. O cada vez maior e mais compacto Grupo Editorial Divergência, agora composto por sete chancelas, já foi outrora, há mais de doze anos, um pequeno pé de feijão calibrado para explorar a fantasia, a ficção científica e o terror na literatura portuguesa.

Fundada e sediada¹ em Aveiro — até nisto foge à regra —, a Editorial Divergência, o seu nome aquando da sua criação, muito antes de se metamorfosear em Grupo Editorial, procura oferecer uma voz à ficção especulativa nacional. A Divergência tenta combater o *self-publishing* em Portugal e promove a qualidade literária de novos autores, apostando de forma séria e ímpar em escritores da língua portuguesa.

Durante os três meses em que estagiei no Grupo Editorial Divergência, pude fazer parte de uma equipa que valoriza e incentiva a transparência, a justiça e o talento. Desde o momento em que o manuscrito chega à caixa de correio eletrónico até ao momento em que o podemos folhear, todos os procedimentos de que é alvo são eximamente trabalhados por profissionais instruídos na área. Em momento algum é utilizada inteligência artificial para facilitar o trabalho — o que, infelizmente, é cada vez mais comum entre as grandes editoras, para poupar recursos e cumprir prazos. Em cada livro publicado, pode ler-se:

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.

¹ Na verdade, o Grupo Editorial Divergência não tem uma sede oficial em Aveiro, pois toda a equipa trabalha de forma remota, mas os seus principais membros vivem e trabalham nas suas imediações e é lá que os seus lares servem de armazém.

O QUE FIZ NO ESTÁGIO:

Ainda antes de me candidatar ao Mestrado em Edição de Texto, já a ideia de estagiar numa editora se me assomava na mente. Rapidamente percebi que, para que correspondesse às expectativas que para ele criei, tinha de rejeitar a tendência timorata da minha personalidade e encarnar uma proatividade que me era desconhecida.

A proatividade que ainda estava a tentar domar e a necessidade de provar que conseguia fazer o que me era pedido sem qualquer dúvida ou obstáculo entraram em contenda e ainda demorei um par de dias a ceder à razão. Assim que comecei a partilhar as minhas preocupações e dúvidas, tudo se tornou consideravelmente mais natural e simples.

Entre as várias tarefas que desempenhei ao longo destes curtos três meses, destaco aquelas em que mais me foquei: avaliação de originais, edição de texto e revisão de texto. Elaborá-las-ei por esta ordem, pois é a que segue o manuscrito desde o momento em que nos chega até à sua finalização, e não pela ordem pela qual as cumpri, para que este relatório siga a sequência natural de vida de cada obra.

É importante compreender a diferença entre edição de texto e revisão de texto. Editar um texto é muito mais do que perscrutar-lhe as anomalias gramaticais e formatá-lo para o português padronizado. Para além de lhe compreender a sintaxe, há que conhecer-lhe o enredo, perceber-lhe as falhas e realçar-lhe as qualidades. Encontrar-lhe os pontos de ligação e suavizá-los, de forma a oferecer ao leitor a compreensão total da narrativa — se for esse o objetivo.

Por um lado, um editor de texto foca-se em aprimorar a coerência do enredo e em verificar que não há incongruências na construção da linha temporal que a obra segue, e está em constante comunicação com o autor, para que nenhuma ideia seja perdida. Muitas vezes, o editor sugere alterações significativas ao enredo e o autor, se as aceitar, acaba por reescrever vários excertos, de modo a melhorar a sua obra.

Embora acredite que faça sentido que o editor de texto seja quem fará, também, a revisão, por conhecer a narrativa quase tão bem quanto o autor, muitas vezes, por ter a vista cansada de ler tantas vezes as mesmas palavras, podem escapar-lhe alguns pormenores gramaticais. Por isso, é crucial que haja uma segunda revisão feita por um profissional do texto externo.

Por outro lado, a relação entre um revisor de texto e a obra é mais impessoal e menos comunicativa — ainda que continue a ser profundamente pessoal e muito comunicativa —, visto que as suas correções ao texto não são, na sua grande maioria, sugestões, mas sim alterações imperativas que visam oferecer ao texto um estatuto de rigor gramatical que siga as regras padronizadas.

Para que haja obras a publicar, há que as seleccionar de um leque bastante extenso; e para isto, não basta ser um comum amante da literatura. É fulcral conhecer vários estilos de narrativa e avaliá-los com imparcialidade, tentando compreender o seu valor literário de acordo com o seu público alvo, ignorando as opiniões e os preconceitos pessoais que poderão surgir para com as narrativas. Para além disso, é uma mais-valia estar-se familiarizado com os processos de edição e de revisão, de modo a que se possa analisar com mais precisão a quantidade de trabalho necessária em cada uma destas vertentes para que um enredo com potencial se possa consumir em obra publicável.

AVALIAÇÃO DE ORIGINAIS

As editoras recebem, diariamente, dezenas de originais de novos autores que desejam expor ao mundo os seus solilóquios, os seus mundos e as suas quimeras e nem todos — na verdade, quase nenhum — são selecionados.

Todos os dias às nove em ponto, eram-me enviados os três originais que avaliaria nesse dia. Após ler as primeiras páginas, tinha de decidir se o manuscrito era digno e merecedor de que lhe entregasse mais do meu tempo para o compreender e para lhe descobrir os vértices ou se era de tal modo inverosímil e inconstante que não justificava que sobre ele me debruçasse.

Quando recebi o primeiro original para avaliar, ainda sem saber bem como o fazer, que tópicos abordar, em que me focar, li todo o manuscrito — ainda que nele não encontrasse qualidade — e redigi um parecer maçador e extensíssimo, pois queria impressionar a minha orientadora, utilizando vocábulos sofisticados e frases intermináveis, cheias de nichos gramaticais. Como seria de esperar, o parecer não cativou a benevolência que inicialmente acreditei que cativaria e foi-me pedido para ser consideravelmente mais sucinto e conciso, pois valorizava-se a passagem objetiva de informação e não a qualidade poética do parecer editorial.

Assimilei a correção e segui para o segundo manuscrito. Com toda a minha inexperiência, fiz o melhor que pude e soube, e avaliei-o focando-me, essencialmente, nas questões sintáticas, gramaticais e ortográficas, que, na minha opinião — pelo menos na minha opinião de há seis meses —, era o ponto mais importante a ter em consideração num texto submetido. Agora, depois de mais de cinquenta pareceres editoriais redigidos, compreendo a falácia nesta assunção, visto que li textos com prosas excepcionais cujos enredos eram deploráveis e li também textos com problemas muito graves de sintaxe cujos enredos eram geniais e merecedores de que neles se trabalhasse.

A partir daí, comecei a avaliar os manuscritos em cinco tópicos: Questões de estrutura narrativa; Coerência narrativa; Estrutura dos diálogos; Densidade das personagens; Sintaxe, ortografia e léxico. É certo que a categoria da Sintaxe, ortografia e léxico era sempre a mais elaborada, mas tentei explorar, tanto quanto a minha competência permitiu, as outras categorias, tornando o parecer o mais completo possível e oferecendo a informação necessária para que a minha orientadora pudesse conhecer o veredicto da obra sem ter de a ler. Também adequei cada manuscrito a uma chancela.

Debruço-me, então, sobre os cinco tópicos que elaborei exaustiva e minuciosamente sempre que me encarregaram de avaliar um original:

QUESTÕES DE ESTRUTURA NARRATIVA:

Neste parâmetro, foquei-me no ritmo do enredo e na continuidade da ação, e tentei perceber se a cadência da escrita coincidia com a progressão da narrativa. Indiquei se o autor teceu o fio condutor da obra de forma cuidada e verifiquei se as perspetivas, caso as houvesse, se alternam nos momentos-chave e se se ligarão na altura ideal.

No caso de o manuscrito ser de não-ficção, tentei perceber se a informação transmitida em cada capítulo se ligava, em algum ponto, aos outros, ou se era uma mera exposição de informações que não se relacionavam tematicamente de modo a criar um texto extenso o suficiente para ser considerado.

COERÊNCIA NARRATIVA:

Procurei entender se as personagens agiam de acordo com as características que lhes eram atribuídas, se a continuidade física da ação era consistente e seguia a ordem natural da realidade e se havia coerência entre capítulos e entre parágrafos. Também analisei a coerência dos acontecimentos da narrativa e a sua relevância para a progressão da história, tentando identificar se circunstâncias do enredo justificavam certos capítulos, diálogos ou excertos que não pareciam acrescentar valor à história.

ESTRUTURA DOS DIÁLOGOS:

Foquei-me em perceber se os diálogos ofereciam naturalidade à narrativa, pois é importante que o leitor não se sinta exposto à informação de forma súbita e deslocada. A sua extensão também é relevante, pois nem sempre faz sentido alternar entre longos solilóquios e respostas curtas e automáticas, como se estivéssemos no tempo dos diálogos socráticos de Platão. É importante não perturbar a melodia do texto com introduções abruptas de diálogos desnecessários que nada acrescentam à coerência da narrativa.

Também procurei verificar a consistência da linguagem utilizada pela mesma personagem ao longo da obra. É importante que haja vocábulos e construções frásicas identificáveis nas diferentes personagens, para criar uma sensação de densidade mais compacta ao leitor, beneficiando a credibilidade da narrativa.

DENSIDADE DAS PERSONAGENS:

É necessário encontrar nas personagens falhas e qualidades que entrem em contenda, pois só deste modo se simula a realidade. Tento descobrir traços de personalidade que se justifiquem com experiências passadas. Para entender a razão por detrás das ações de uma personagem, há que lhe conhecer aquilo por que já passou, e a forma como o autor insere o contexto e as origens das personagens é crucial e importa analisar a naturalidade com que estas informações são apresentadas ao leitor.

SINTAXE, ORTOGRAFIA E LÉXICO:

Para mim a categoria mais importante, talvez pela minha visão ainda verde do mundo literário. Aqui, procurei perceber se o léxico utilizado era o adequado ao público-alvo. Dei imensa importância à ortografia, porque tendo em conta que qualquer computador tem a capacidade de corrigir automaticamente muitos dos erros ortográficos, um original com demasiados erros mostra falta de cuidado e desinteresse.

Os autores não têm de saber todas as regras nem de seguir todas as normas de formatação, mas enviar um manuscrito completamente desformatado e carregado de erros demonstra uma falta de consideração para com o seu próprio trabalho.

Também analisei a capacidade de construção frásica, a naturalidade que a intercalação das orações oferecia ao texto, as questões de concordância entre o sujeito e o predicado, a consistência da virgulação, a utilização das regências verbais, a coerência dos tempos verbais e a utilização de pronomes egóticos.

Com o tempo e com a experiência, comecei a saber avaliar cada original de forma justa e adequada, mas até aí chegar, certamente que prejudiquei alguns manuscritos que, embora não tivessem a qualidade necessária para serem ponderados, tinham mais potencial do que aquele que lhes atribuí.

Anexarei a este relatório três pareceres editoriais, ocultando os seus títulos, por questões de confidencialidade. O anexo α foi o primeiro parecer editorial que redigi e, conseqüentemente, é o que apresenta mais incoerências de organização. O principal problema deste original foi que a capacidade de alcance da escrita do autor não se adequa à faixa etária que o conteúdo visa cativar. O anexo β foi um dos únicos pareceres positivos que redigi e que foram, posteriormente, aceites pela orientadora. Por ter sido no final do período de estágio, desconheço a fase do processo editorial em que se encontra esta obra, e embora não tenha podido trabalhar nela enquanto revisor, será sempre especial, quando a vir consumada e numa prateleira. O anexo γ foi o terceiro parecer editorial que redigi — ou seja, já pôde ser elaborado abordando os tópicos de forma sucinta e explícita, mas ainda se nota imaturidade na forma como me debrucei sobre cada um dos parâmetros.

É indubitável que redigir pareceres editoriais de forma incessante me abriu horizontes relativamente à ideia preconcebida que tinha do processo editorial de publicação de um livro. Por essa razão, custa-me ter de atribuir um adjetivo tão denegridor a uma tarefa tão fulcral no processo de edição, mas o fastídio de ler e avaliar incessantemente dezenas de textos originais acaba por cansar a capacidade de análise das suas qualidades. Por isso, é importante intercalar esta tarefa com outras de diferentes exigências, como a edição de texto.

EDIÇÃO DE TEXTO:

Assim que um texto é aceite pela editora — e após todas as burocracias, contratos e papéis —, começa o processo de edição. Nesta fase, cabe ao editor fazer sugestões de alterações que beneficiarão o enredo. É importante ter em consideração os desejos do autor, mas sem deixar que nos turvem a visão da coerência. Estas sugestões requerem um nível de atenção muito apurado. Dentro de tudo o que implica um projeto de edição de texto, realço os seguintes pontos:

- Corrigir os comportamentos de personagens que não correspondem aos seus traços de personalidade e verificar se os seus traços físicos não se alteram ao longo do enredo;
- Alterar a composição frásica e o léxico de certos excertos para que se adeque ao ritmo da ação;
- Verificar a coerência dos acontecimentos e dos factos apresentados;
- Apressar ou atrasar a narrativa de acordo com a cadência de que o enredo precisa;
- Eliminar repetições e exposições desnecessárias de informação que não contribuem para a progressão da história;
- Aprimorar os pontos de conexão da história, de modo a que haja mais naturalidade.

Durante a minha estadia no Grupo Editorial Divergência, foram-me atribuídos três projetos de edição. Cada texto é um texto e, quando nos chegam, o nível de edição necessário difere. Elaboro, então, as diferentes dificuldades que cada um me apresentou, clarificando os procedimentos que tomei para as resolver:

EDIÇÃO α

A primeira obra que recebi estava tão compacta e bem estruturada que, por ver que não havia grandes alterações a fazer, entretive-me a revê-la, explicando de forma bastante elaborada, em comentário, que alterações fazer para que a frase ficasse gramaticalmente ideal, oferecendo várias alternativas viáveis, de modo a que o autor pudesse selecionar aquela que mais se aproximasse do seu estilo e desejo. Embora possa incluir este exercício na lista de tarefas necessárias numa edição, não é o objetivo principal e, para além de ter consumido muito tempo, podia não ter sido bem recebido pelo autor.

Ainda que não tenha aceitado todas as minhas sugestões, o autor foi bastante cordial e aberto a considerar as minhas propostas de alteração. Foquei-me em corrigir imprecisões linguísticas e em sugerir alterações sintáticas que beneficiassem a harmonia do texto, criando uma melodia linguística mais agradável ao leitor.

EDIÇÃO β

A experiência que tive no segundo projeto de edição foi muito diferente. Tratava-se de um texto avassalador, de quase seiscentas páginas, que já tinha sido alvo de edição de texto, mas que o autor não tinha ficado satisfeito com o trabalho, acusando-o de ser pouco rigoroso, e pediu que o refizessem.

Quando recebi esta tarefa, demorei-me a reunir a coragem necessária para me aventurar numa obra tão extensa. Ultrapassei largamente o prazo estipulado, pois recusei-me a entregar um trabalho que sentia estar menos competente do que aquele que acreditava conseguir apresentar. Ficou por tantos dias a marinar no meu ambiente de trabalho e quando sobre ele me debrucei, o enredo não me cativou.

Assim que comecei a perceber a narrativa, as conexões entre as personagens e a complexidade dos capítulos, senti-me consideravelmente menos desanimado, o meu

trabalho começou a sair de forma mais natural e fiquei satisfeito com o resultado final, mas percebi nele incongruências de rigorosidade e precisão. Por essa razão, acabei por ter de voltar a trabalhar sobre a primeira metade da obra, para que tivesse o mesmo cuidado e carinho que a segunda. Esta decisão de refazer algo que não tinha sido feito com tanta exatidão e sensibilidade atrasou a sua entrega em mais de uma semana.

Para além de todo o processo de edição de texto, também tentei corrigir anomalias gramaticais, identificando o problema e apresentando várias sugestões e alternativas de correção. Isto também influenciou o tempo que demorei a entregar a tarefa.

Esta foi a mais desafiante tarefa sobre a qual me pude debruçar no estágio e aquela que reforçou a minha convicção de que o mundo editorial é aquele que mais me cativa, encanta e prende. Mais gratificante do que estar satisfeito com o meu trabalho é vê-lo reconhecido e apreciado por outros profissionais do texto.

EDIÇÃO γ

Esta foi a minha última tarefa enquanto estagiário editorial da Divergência. Ao contrário dos outros dois projetos, este incidia sobre uma obra de não-ficção. Por isso, os pontos sobre os quais o meu trabalho incidiu foram diferentes.

A edição desta obra não apresentou grandes obstáculos, embora tenha sido trabalhosa. A maior dificuldade pela qual passei durante esta tarefa foi a de tentar encontrar pontos de conexão permissivos de criar uma continuidade lógica entre os diferentes capítulos que o autor quis abordar. Para isto, tive de reordenar vários excertos, decidir a que capítulo cada parágrafo pertencia e trabalhar exaustivamente nas notas de rodapé, para que fossem coerentes e concisas.

Também aqui decidi corrigir as anomalias gramaticais apresentadas ao longo do livro, não só para facilitar o trabalho do revisor, mas também para permitir que o autor pudesse fazer as alterações que mais se assemelhassem ao seu estilo de escrita.

Infelizmente, não tive, durante o estágio, a oportunidade de fazer o contacto direto com o autor relativamente aos projetos de edição — embora o tenha feito nas avaliações de originais e nas revisões de texto.

Depois de um texto ser alvo de edição, é essencial que haja uma vertente muito comunicativa entre o editor e o autor. Por vezes, o mesmo texto tem de ser editado várias vezes até que atinja o nível necessário para poder avançar para a próxima fase: a revisão.

REVISÃO:

Foram-me dadas poucas orientações relativamente ao processo de revisão de texto — algo que não me incomodou, pois já estava bastante familiarizado com os métodos. Foi-me apenas dito que deveria manter a ferramenta Registo de Alterações acionada e que alterasse tudo diretamente no texto e não em comentários.

Ao longo do estágio, tive algumas dificuldades em seguir estas simples indicações, pois não me fazia sentido ter de corrigir as imprecisões gramaticais diretamente no texto, visto que, por vezes, as agramaticalidades permitiam várias correções diferentes, e apresentar as diversas construções frásicas possíveis facilita que o autor possa optar por aquela que mais vai ao encontro do seu estilo e desejo linguísticos.

A opção de explicar a anomalia e apresentar diferentes construções permitidas consumia mais tempo do que aquele que é sensato ocupar numa revisão de texto. Isto fez com que tenha acabado por entregar as três tarefas de revisão um pouco após o prazo. Ainda assim, o meu desempenho no trabalho que realizei nestes textos foi alvo de elogios por parte da minha orientadora, não sem levantar algumas questões acerca dos pontos em que fui menos rigoroso.

Ainda que os procedimentos a ter em conta num trabalho de revisão de texto sejam os mesmos em todas as obras, o nível de intervenção de que cada texto necessita difere muito. Apresento, então, as diferentes dificuldades que cada uma das três revisões me apresentou, clarificando as soluções que arranjei para as resolver:

REVISÃO α

A primeira tarefa que me foi imposta enquanto estagiário, ainda na primeira hora de trabalho, foi a revisão de uma obra que, há alguns anos, tinha sido publicada por outra editora — ou seja, já tinha passado pelo processo de revisão pelo menos uma vez. Houve várias contrariedades que impediram a fluidez e a celeridade de que cumprisse a obrigação dentro do prazo estipulado e a minha verdura laboral no mundo da edição contribuiu para que este trabalho não florescesse tanto quanto deveria.

O autor, depois de nos abordar manifestando o seu interesse em reeditar a obra, informou-nos de que não tinha acesso à versão em Word, apenas ao PDF da versão paginada. A conversão de um PDF para um documento Word não é direta e não raras vezes apresenta diversas complicações. Por vezes, a mancha de texto da versão paginada é tão mais indentada do que a de um documento Word padrão que a desformatação do texto fica de tal modo incoerente que acaba por ser necessário ter atenção a muito mais do que apenas agramaticalidades e incongruências sintáticas.

Para além de todas as dificuldades que a desformatação do texto me causou, a obra tinha muitos problemas gramaticais — algo que estranhei, não só por já ter sofrido revisão de um ou mais profissionais do texto, como também por o autor ter sido premiado com um prémio literário.

O enredo é, de facto, genial, e compreendo a razão pela qual foi alvo de edição e publicação, mas o texto estava de tal modo agramatical, inconsistente e anómalo que me custa acreditar ter sido revisto aquando da sua primeira publicação.

REVISÃO β

A segunda revisão que fiz é aquela de que mais me orgulho, não por ser a mais gratificante nem por ser a que mais me desafiou intelectualmente, mas a que me é mais querida por ter sido a primeira a ser consumada em formato físico. Este texto, que já

estava numa versão avançada quando me chegou, teve um processo de revisão muito objetivo e relativamente fácil, pois o autor apresentava um conhecimento da língua muito sólido e foram apenas precisas leves correções sintáticas em alguns excertos.

As poucas sugestões que fiz foram muito bem recebidas e resolvidas de forma cordial com grande celeridade e disposição. Alguns meses depois, tive a oportunidade de ir ao lançamento do livro, durante o qual tive o prazer de conhecer o autor e no qual pude trocar impressões acerca do enredo da obra.

REVISÃO γ

O terceiro projeto de revisão também precisou de ser convertido de PDF para um documento Word. Desta vez, a mancha de texto não ficou tão desformatada quanto a da revisão α , por isso bastou que tivesse uma atenção redobrada na passagem de páginas e capítulos, na formatação das letras e principalmente nos travessões que foram todos convertidos a hífenes. Esta obra é uma antologia composta por seis contos escritos por seis autores e acho importante mencionar as diferenças entre rever uma obra de um só autor, com um só estilo de escrita, e rever uma obra que contém estilos de escrita diferentes.

Há regras e convenções gramaticais que devem ser seguidas em qualquer texto, mas um bom revisor tem de se entranhar no estilo de escrita do autor e afastar-se, a todo o custo, do seu próprio estilo. Há que compreender melodia sintática que o autor atribui às frases, conhecer as suas manhas verbais, perceber as suas sequências oracionais e ter em consideração a forma como emparelha os objetos.

Tendo isto em conta, também é necessário manter a coerência de formatação entre contos. Nesta obra de ficção-científica, o primeiro conto estava carregado de siglas como IA e RV (Inteligência artificial e Realidade virtual). No segundo conto, por serem textos dentro do mesmo género, com premissas semelhantes, o autor decidiu incluir as mesmas siglas, mas em inglês AI e VR (Artificial Intelligence e Virtual Reality). Inicialmente, coloquei as siglas inglesas em itálico — algo que, por si só, já consistia num

problema, pois não se deve italizar siglas, independentemente do idioma — e segui o trabalho de revisão, mas, quando terminei de rever a obra, voltei atrás, reticente das minhas decisões. Até que ponto é que a coerência de formatação da obra como um todo não se devia sobrepor ao estilo dos autores neste exemplo? Acabei por decidir alterar todas as siglas inglesas para a sua versão portuguesa.

Mais à frente, no quinto texto, a autora empregou uma abordagem inovadora na escrita do seu contributo para a antologia e toda a extensão do seu conto tinha sido escrita em minúscula. Ainda que não seguisse as convenções gramaticais a que estou habituado, foi essa a intenção da autora e não me competia a maiusculização do excerto. No entanto, a autora decidiu utilizar hífenes no lugar dos travessões, para intercalar frases explicativas. Após um período de indecisão, por não saber se era uma escolha estilística, para condizer com o carácter peculiar do texto, uma incongruência, visto que, nestes casos e seguindo as convenções gramaticais, o uso do travessão é a única opção que obedece às regras, ou ainda uma consequência da conversão do PDF em Word, decidi alterar todas as ocorrências. Fi-lo por acreditar que a coerência de formatação da obra era mais importante do que o estilo dos autores. A minha alteração não foi aceite e os hífenes no lugar tradicional dos travessões mantiveram-se na versão final.

Por último, no sexto conto da antologia, uma das personagens não era portuguesa e, por essa razão, quando falava, não seguia as regras gramaticais da língua. Inicialmente, dei por mim a corrigir todos os erros que a personagem ia cometendo, mas rapidamente percebi que era precisamente essa a intenção do autor e tive de apagar as minhas correções.

Esta tarefa apresentou dificuldades pela sua desformatação e pela quantidade elevada de anglicismos e expressões científicas que me são desconhecidas e requereu que tomasse várias decisões de formatação, mas não desafiou a minha capacidade de revisão de texto, visto que se tratava de uma das primeiras obras publicadas pelo Grupo Editorial Divergência que estava no processo de reedição e já tinha sido alvo de revisão.

OUTROS ASSUNTOS

Ao longo do estágio, entre as tarefas que me eram atribuídas, fui mantendo o contacto com a minha orientadora. Não raras vezes, havia a necessidade de ter reuniões para que pudesse abordar coisas importantes a ter em conta no processo editorial, mas que não faziam parte das minhas competências enquanto estagiário.

ISBN

É importante saber os processos burocráticos pelos quais todas as obras têm de passar, por isso, fiz questão de questionar a minha orientadora sobre os procedimentos a tomar para efetuar o pedido do ISBN e do Depósito Legal. Em poucos passos, fizemo-lo juntos para uma das obras que tinha sido editada por mim.

REVISÃO DE PROVAS

Também tive a oportunidade de rever a versão paginada de uma obra que já tinha sido revista linguisticamente por mim (Revisão α). O processo da revisão paginada foi muito simples e rápido. Atribuí uma cor a cada tipo de anomalia que identifiquei e marquei as imprecisões com a respetiva cor. Entre estas anomalias, estavam: Translineações; Palavras soltas no final do parágrafo; Linhas soltas no início da página; Problemas de espaçamento entre palavras; Repetições dos mesmos vocábulos no final de duas linhas consecutivas; Correções linguísticas que tenham escapado.

OPINIÃO ACERCA DE CAPAS

Por duas vezes, tive de dar a minha opinião acerca da capa de uma obra. Primeiro, tive de ver se, a partir da sinopse, a capa fazia sentido. Redigi o meu contributo, dando a minha opinião sobre o sistema de cores, o tamanho e formato da letra, a posição do

título e a pertinência dos elementos visuais. Como não tinha lido a obra, grande parte das minhas sugestões não foi considerada.

Na segunda capa, foi-me mais fácil dar um parecer, pois incidia sobre um livro no qual tinha trabalhado (Edição β). A minha sugestão de alterar o tom de castanho para um mais claro, de modo a facilitar a leitura da sinopse, foi aceite.

CONVERSÃO DE PDF PARA WORD

A conversão de um documento PDF para Word apresenta sempre muitos obstáculos. O texto fica desformatado e é necessário comparar incansavelmente os dois documentos para verificar as separações de palavras, parágrafos, capítulos e páginas. Por vezes, as translineações adicionam um hífen a meio de uma palavra; as formatações, como o itálico e o negrito, nem sempre são reconhecidas; os travessões passam a hífenes; a paginação passa para o corpo de texto; *et cetera*.

ACORDO ORTOGRÁFICO

Quase todos os livros nos quais trabalhei, à exceção de um (Edição β), seguem o Acordo Ortográfico de 1945. Isto requer que eu, enquanto revisor, esteja atento à consistência da utilização do acordo e muitas das correções que fiz nos projetos de revisão que me foram propostos passaram por adicionar os 'C' e os 'P' mudos, maiuscular meses e estações do ano e hifenizar algumas palavras compostas.

CONTACTO COM OS AUTORES

Contactei vários autores relativamente aos manuscritos que enviavam. Por uma vez, contactei um autor para lhe dizer que tínhamos considerado o original que enviou e gostávamos de o ler na sua totalidade, mas este recusou enviar-mo, pois não tinha um endereço eletrónico oficial da editora. Esta situação tão simples e um pouco caricata fez-me entender que cada original se traduz em um par de horas do meu tempo, mas simboliza meses incontáveis de escrita e pesquisa dos autores que os enviam.

EXEMPLOS DE EDIÇÃO

Apresento um ou dois exemplos de sugestões que fiz em cada projeto de edição. Na edição α , propus uma alteração oracional, que, embora seja uma tarefa do revisor, achei que fazia sentido sublinhá-la enquanto editor, por acreditar que melhora a harmonia da frase.

Na edição β , selecionei duas sugestões: na primeira, proponho alterar o pronome de forma a causar naturalidade e evitar eco nas construções pronominais; na segunda, procurei encontrar uma forma familiar de explicar ao autor que a decisão de regredir a capacidade cognitiva da personagem a um nível tão extremo comprometia de modo significativo a credibilidade do texto e dei-lhe exemplos dentro da própria obra, indicando personagens que tinham sofrido destinos semelhantes, mas cujas capacidades linguísticas não tinham regredido de todo. Acreditei que utilizar exemplos dentro da própria narrativa captaria a benevolência do autor e este cederia às sugestões.

Na edição γ , por ser de não-ficção, as sugestões que fiz incidiram mais em questões de coesão e consistência nas informações apresentadas.

NA EDIÇÃO α

À seguinte frase:

Eu a dizer-lhe que não me ia embora, que ainda agora tinha chegado e queria vê-la a melhorar e ir para casa.

Fiz o seguinte comentário:

Sugiro: 'e que a queria ver a melhorar', pois é o terceiro termo da oração integrante completiva introduzida pelo verbo 'dizer' e, visto que tanto o primeiro como o segundo termos são introduzidos pela conjunção 'que' (dizer-lhe que não me ia embora, [dizer-lhe] que ainda agora tinha chegado), o terceiro também tem de ser introduzido por 'que' (e [dizer-lhe] que a queria ver a melhorar).

Desta forma, visto que se trata de uma oração integrante completiva e não de uma oração copulativa, é necessário alterar a posição do pronome clítico: (~~e queria vê-la a melhorar~~; e que a queria ver a melhorar).

NA EDIÇÃO β

À seguinte frase:

“E não merecia ter ninguém que me auxiliasse. Devia ficar sozinho. Sempre quis fazer tudo sozinho. O ser humano nunca fez nada sozinho.”

Fiz o seguinte comentário:

“Para evitar a dupla negação, que não é expressamente proibida, mas nem sempre oferece fluidez ao texto, alterei o ‘ninguém’ para ‘alguém’ (E não merecia ter ~~ninguém~~ alguém que me auxiliasse.) Por outro lado, a seguir, a dupla negação (nunca fez nada sozinho) fica bem, e causaria estranheza ao leitor se fosse ‘nunca fez algo sozinho’.”

Ao seguinte excerto:

“Cão morrer. Antes, sentir muito triste, mas tristeza ser sentimento que não afectar mais. Restar-me um pouco de humanidade. Não querer deixar corpo morto de companheiro expor ao ar como ferida. Com dificuldade, cavar buraco no chão, enterrar cão e depois cobrir. Depois, ficar ali muito tempo, relembrar momento que passar junto.”

Fiz o seguinte comentário:

“À semelhança dos parágrafos anteriores, todo este capítulo mostra a falta de humanidade em que a personagem caiu. Mais uma vez, compreendo a ideia e considero-a interessante, mas não a acho minimamente natural. Nenhum ser humano regressaria tanto relativamente à sua coesão gramatical, um dado adquirido ao longo de vários anos de evolução e desenvolvimento.

Mesmo que, embora improvável, um humano, passando demasiado tempo afastado da civilização, começasse a utilizar um vocabulário e construções verbais menos elaborados, nunca deixaria de compreender os princípios da concordância entre

o número e o gênero das palavras. Por exemplo, alguém que, durante quarenta anos, sempre se referiu a si com o número singular 'estou nu' nunca desaprenderia a utilizar essa construção, mesmo que passasse cem anos (caso os humanos vivessem até aos cento e quarenta) a viver, sozinho, no bosque. No início do livro, a personagem que ficou imortal, após milhares de anos, não se lembrava do seu filho, da sua mulher ou sequer do seu nome, mas quando entrou naquele barco, ainda que não se lembrasse que, um dia, tinha sido pescador, soube como manejar uma cana de pesca e adorná-la com isco. A linguagem é igual, também não se desaprendem os princípios básicos adquiridos ao longo do processo de desenvolvimento.

Ainda assim, acredito que a ideia é mais importante do que a coesão narrativa neste excerto específico. No entanto, sugiro não regredir tanto a capacidade linguística da personagem, escrevendo apenas com algumas anomalias.

Acaba por ser uma decisão exclusivamente do autor, mas, a mim, não me soa totalmente natural.”

NA EDIÇÃO γ

À seguinte frase:

“o trio de astrólogos que de pronto se aprestou a levar ouro, incenso (uma pasta amarga extraída das árvores da Arábia que, quando queimada, liberta um perfume exótico utilizado para defumar os templos) e mirra (óleo perfumado utilizado para ungir os reis).”

Fiz o seguinte comentário:

“É incoerente apenas explicar, entre parêntesis, dois dos três elementos da enumeração. Por uma questão de coesão, ou se explicam os três, ou não se explica nenhum. Não acredito que seja necessário explicar o que é ouro, incenso e mirra, pelo que sugiro remover totalmente as explicações.”

EXEMPLOS DE REVISÃO

NA REVISÃO α

- Venho também informá-lo que foi > Venho também informá-lo de que foi

Ausência da preposição verbal.

- Contrariamente à sua predisposição de manter-se afastado dos atos comerciais > Contrariamente à sua predisposição de se manter afastado dos actos comerciais

Alteração da posição do pronome clítico de acordo com o tipo de oração em que se insere. Aplicação do Acordo Ortográfico de 1945.

- agora que não possuiria o toque familiar > agora que não possuía o toque familiar

Padronização do tempo verbal utilizado.

- pensar numa virtualidade onde vivera durante muito tempo > pensar numa virtualidade na qual vivera durante muito tempo

Alteração da conjunção 'onde' para 'na qual' em casos em que o antecedente não é um local físico.

- O grupo deixara de ser uma forma compacta apenas doze anos atrás > O grupo deixara de ser uma forma compacta há apenas doze anos

Eliminação de palavras ou vocábulos com valor redundante.

NA REVISÃO β

- Pensou nas passadas, no que não podia parar, ainda que ele não tivesse bem a noção do porquê > Pensou nas passadas, no que não podia parar, ainda que não tivesse bem a noção do porquê

Eliminação de pronomes egóticos que não são necessários à compreensão do texto.

- Até á separação > Até à separação

Gralhas.

- No meio das árvores, um par de olhos brilhantes olhavam-no com avidez
> No meio das árvores, um par de olhos brilhantes olhava-o com avidez

Problemas de concordância de número entre sujeito e o predicado.

- meu deus > meu Deus

Maiusculização de nomes.

- paraquedas > pára-quedas

Aplicação do Acordo Ortográfico de 1945.

- As unhas saiam intactas > As unhas saíam intactas

Adequação do tempo verbal ao sentido da frase.

- ditada pelo tempo e a biologia. > ditada pelo tempo e pela biologia.

Adição da preposição no segundo tempo da enumeração quando estes não concordam em género.

NA REVISÃO γ

- Dá um saltinho à página e se encontrases algo que curtas, apita. > Dá um saltinho à página e, se encontrases algo de que curtas, apita.

Ausência da preposição verbal.

- A razão por que estou há 3 dias > A razão por que estou há três dias

Colocar por extenso os numerais inferiores a dez.

- *ok, ok, como queiras, dróides* > ok, ok, como queiras, dróides

Italiação de anglicismos (neste caso, o autor optou por italarizar todo o corpo de texto, por se tratar de uma carta, então invertei a lógica e removi o itálico dos anglicismos).

- qualquer um de entre a dezena de investigadores recrutados > qualquer um de entre a dezena de investigadores recrutada

Problema de concordância de género.

- Mais do que a dor de perdê-lo é saber que poderia tê-lo salvo. > Mais do que a dor de o perder é saber que o poderia ter salvado.

Adequação do particípio passado de acordo com o verbo auxiliar. Alteração da posição dos pronomes clíticos de acordo com a oração em que se inserem.

- Cujá origem recuso a imaginar > cuja origem me recuso a imaginar OU cuja origem recuso imaginar

Ofereci duas soluções: a utilização do verbo 'recusar-se', que é regido pela preposição 'a' ou a utilização do verbo 'recusar', que não é regido por nenhuma preposição.

- A vez dela falar nunca mais chegava > A vez de ela falar nunca mais chegava

Separação da contração entre a preposição e o artigo quando a frase é infinitiva.

- como devia de ser > como devia ser

Eliminação da preposição num verbo que não é regido por preposição alguma.

- cláusula contratual que o ponha sobre a nossa custódia. > cláusula contratual que o ponha sob a nossa custódia.

Coerência e lógica textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Termino este estágio curricular com uma felicidade incomensurável, embora o tenha começado de uma forma tão desmotivante — não fosse a parábola do velho e do cavalo, explorada no capítulo 18 do *Huainanzi*, tão atual.

Entrei com a convicção de que aquilo que fazia um bom livro era o seu rigor linguístico. Nunca me fez sentido que alguém pudesse querer ser escritor sem saber escrever. Há, de facto, histórias incríveis que só existem porque alguém acreditou nelas, mesmo que a forma como estavam expostas não atingisse o rigor e a qualidade necessários para que assim fosse. Para se ser escritor, é preciso que haja algo para dizer. Mas o equilíbrio é essencial. Não se pode transmitir uma história cativante de forma quase agramatical.

Agora, embora continue a acreditar que o rigor linguístico é imperativo para o sucesso de um livro, esta experiência curricular fez-me valorizar todo o trabalho que é colocado na elaboração de um enredo cativante. A construção de toda a estrutura narrativa é tão ou mais importante para que uma obra funcione do que a correção linguística.

Também aprendi a regular as expectativas que tinha de um livro que ainda não passou pelos processos de edição. Nos primeiros pareceres que redigi, fui mais rigoroso e intransigente do que o aconselhado relativamente à qualidade ortográfica, mas rapidamente percebi que não era viável ter uma expectativa irreal do conhecimento sintático dos/as autores/as que enviam o seu trabalho. Tive de ir ajustando as expectativas de modo a conseguir avaliar justamente o trabalho que nos é enviado

BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA

Dicionário de Sinónimos e Antónimos (2009), coleção Dicionários Modernos.
Porto: Porto Editora;

Dicionário de Verbos Portugueses (2010), coleção Dicionários Modernos. Porto:
Porto Editora;

[https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/;](https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/)

[https://www.infopedia.pt/;](https://www.infopedia.pt/)

<http://portaldalinguaportuguesa.org/>

ANEXOS

PARECER EDITORIAL α

Não apresenta problemas de ortografia graves, mas os que apresenta são constantes. Há pouca virgulação, embora tenha a maior parte das obrigatórias (por três vezes, em cinquenta páginas, foi colocada uma vírgula entre o sujeito e o predicado), a opção por não colocar nenhuma outra, a não ser que seja expressamente obrigatória de acordo com as regras gramaticais, oferece ao texto uma cadência desadequada para um enredo fictício.

O léxico e a sintaxe são rudimentares. Há que vernaculizar o vocabulário para oferecer ao texto uma maior credibilidade. O léxico e a sintaxe utilizados são ideais para um livro infantojuvenil, mas o conteúdo do enredo não se adequa à faixa etária que a capacidade de escrita do/a autor/a alcança.

Denota-se uma imaturidade bastante cuidada. Uma atenção em seguir todas as regras, mas a verdura da escrita prova que não ainda não as domina por completo.

Se tivesse de atribuir este manuscrito a uma das chancelas do Grupo Editorial Divergência, atribuí-lo-ia à Trebaruna.

A estrutura narrativa das primeiras cinquenta páginas do manuscrito é relativamente estável e oferece uma linearidade suficientemente agradável, mas o/a autor/a demora-se em caracterizações irrelevantes ao enredo, sentindo a necessidade de expor descrições que não têm valor narrativo e não adicionam profundidade à história nem densidade às personagens.

As personagens estão construídas de forma decente e consistente, mas a necessidade por descrever todas as pessoas que aparecem, desde as personagens principais às mais inúteis que não voltarão a aparecer, tira a credibilidade das histórias bem pensadas das que realmente interessam. Se se utilizasse as linhas desperdiçadas

em caracterizações que em nada contribuem para o enredo para adicionar complexidade às personagens principais, o texto ganharia uma riqueza incomparável.

A estrutura dos diálogos é a adequada ao género literário em que acho que este texto se enquadra. Fluem com facilidade, mas não estão bem pontuados. São muito simples.

Com isto, acredito que o principal problema do manuscrito é o facto de ter descrições detalhadas de cenas impróprias para um público mais jovem, como cenas gráficas de violência e mutilação corporal, e, também, vocabulário agressivo entre as interações dos adolescentes, que não se enquadram no tipo de escrita. As soluções seriam: aprimorar a capacidade lexical e sintática de modo a possuir um texto que não pareça infantil aos leitores mais velhos que possam e queiram ler cenas tão descritiva ou atenuar a linguagem e a violência descrita nos assassinatos para que um público mais jovem não se sentisse deslocado e incomodado.

Assim, embora o enredo criado tenha bastante potencial, acredito que a escrita e a capacidade de desenvolver uma história coesa tenham de ser exaustivamente trabalhadas e aprimoradas para que, no futuro, esta narrativa — ou qualquer outra que o/a autor/a quiser escrever — possa ser publicada. Há que desbanalizar a escrita, correr riscos e enveredar caminhos nunca antes enveredados. Infelizmente, esta história é “só mais uma história”.

PARECER EDITORIAL β

A este manuscrito, atribuiria a chancela Trebaruna.

- Questões de estrutura narrativa

A estrutura narrativa deste manuscrito é sólida, mas acredito que o enredo demora demasiado tempo a se desenrolar. Beneficiaria de alguns cortes de informação aqui e ali, mas nada muito difícil ou extenso. Gosto muito do final. É impactante.

- Coerência narrativa

É coerente ao longo de toda a sua extensão. Nota-se um grande cuidado em tentar que tudo faça sentido, tanto que, às vezes, pode parecer forçado, mas um bom trabalho de edição resolverá estes pormenores facilmente.

- Estrutura dos diálogos

Nada de muito inovador, mas oferece estabilidade e coesão ao texto e auxilia a sua credibilidade. Muito bem formatados e seguem todas as regras de pontuação — algo que não é, de todo, relevante para o enredo ou para a avaliação do manuscrito, mas que é um ponto positivo, pois mostra todo o cuidado e atenção que a autora quis oferecer à submissão. Às vezes, estes pequenos pormenores fazem a diferença. Beneficiariam de uma construção menos completa. Por vezes, apresenta demasiada informação.

- Densidade das personagens

As personagens estão muito bem construídas, pensadas e elaboradas. Nota-se um grande cuidado na sua conceção e um carinho e ardor da autora para com as mesmas. É isso que se quer num livro! As interações entre si podem ser melhoradas, pois podem

aparentar uma visão mais verde daquilo que é a realidade entre conversas naturais, mas é um problema de fácil resolução.

- Sintaxe, ortografia e léxico

Este manuscrito apresenta um nível linguístico atraente e estável. É de uma qualidade quase invejável para uma autora de apenas dezassete anos. Apresenta muito poucos problemas de sintaxe e ortografia — embora os haja (há-os sempre) — e o léxico é muitíssimo adequado ao género.

Acredito que este manuscrito tem todo o potencial e qualidade necessários para poder ser publicado e para querer ser lido. Ainda que se note a verdura da autora na arte de contar histórias, é importante apostar em novos autores nacionais e acredito que este livro seja adequado para fazer parte do catálogo do Grupo Editorial Divergência. Tem tudo para correr bem.

PARECER EDITORIAL γ

A este manuscrito, atribuiria a chancela Divergência.

- Questões de estrutura narrativa

É na estrutura narrativa que está a maior falha deste livro. A história começa com um ritmo agradável e digno do género, mas, de repente, entra numa constante descrição de ações sofregamente impelidas, uma atrás da outra, à personagem, sem que o leitor tenha tempo (ou vontade) de as querer assimilar.

- Coerência narrativa

Apresenta algumas falhas de coerência. O vocabulário e a sintaxe com que as personagens interagem é pouco natural e não reflete, por exemplo, a idade que lhes é atribuída. As reações da personagem principal àquilo que vai acontecendo também me parece algo deslocada da realidade. Em menos de três parágrafos, a personagem passa de questionar a lógica das coisas que conhece para, sem qualquer hesitação, acreditar, indiscutivelmente, nas dezenas de criaturas quiméricas que lhe são apresentadas.

- Estrutura dos diálogos

Os diálogos apresentam algumas falhas que tornam a leitura fastidiosa e pouco natural. Aproveita demasiados maneirismos da linguagem oral que nem sempre resultam em textos literários.

- Densidade das personagens

A personagem principal e a sua melhor amiga são-nos apresentadas de uma forma agradável e competente — embora demasiado detalhada para o primeiro parágrafo —, mas muitas das outras personagens, principalmente após entrarem na dimensão alternativa, são forçadas e em nada contribuem para o enredo.

- Sintaxe, ortografia e léxico

Não apresenta problemas de ortografia graves, é bastante competente na virgulação do texto e dispõe de um léxico vernáculo e agradável o suficiente para o gênero literário, pelo menos nas descrições.

Embora tenha começado com algum potencial, o enredo é demasiado inverosímil e essa inverosimilhança é imposta ao leitor de forma demasiado abrupta para ser credível. *A realidade pode dar-se ao luxo de ser inverosímil, a ficção não.*

Não acredito que a narrativa tenha o que é necessário para cativar um leitor do Grupo Editorial Divergência.

PLANO DE ESTÁGIO

Durante o estágio, o aluno irá editar e rever textos publicados pelo Grupo Editorial Divergência, bem como ler submissões de manuscritos enviados por autores de língua portuguesa e auxiliar na decisão da aceitação (ou não-aceitação) dos mesmos.

Algumas das principais responsabilidades incluem:

- Assegurar a correta aplicação das normas da língua portuguesa nos textos editados;
- Dominar a revisão de textos conforme o acordo ortográfico utilizado; • Corrigir erros de ortografia, pontuação, acentuação e gramática;
- Garantir a coerência e a qualidade da escrita, ajustando-a ao público-alvo;
- Verificar se o nível de complexidade do texto se adequa ao perfil do leitor;
- Verificar a uniformidade de formatação dos textos, eliminando repetições e redundâncias;
- Introdução aos processos de revisão por pares: recepção de manuscritos e contacto com autores;
- Elaborar pareceres relativos às submissões de manuscritos por autores de língua portuguesa;
- Edição e revisão de texto de livros (inéditos ou reedições) em vários géneros literários, como ficção, não-ficção, contos, et cetera;
- Elaborar pareceres relativos às escolhas editoriais de publicação de um livro, auxiliando a equipa a tomar decisões coerentes;
- Adequar os manuscritos recebidos a uma das chancelas do grupo editorial.